

PERCEPÇÃO DO FALAR MACAÚBENSE: O PAPEL DA (NÃO) PALATALIZAÇÃO¹

Sidélia Rêgo Reis², Vera Pacheco³

RESUMO: A comunidade linguística de Macaúbas se caracteriza pela realização das oclusivas alveolares palatalizadas antes de [i]. Neste trabalho buscamos investigar como se dá a percepção de um grupo de juízes jovens universitários quanto ao reconhecimento de sua comunidade linguística tendo por estímulo oclusivas com e sem palatalização. Para tanto, realizamos a gravação de palavras com e sem palatalização por uma mulher macaúbense. Realizamos tarefas de percepção com vistas a avaliar qual a variante oclusiva com ou sem palatalização era preferida pelo grupo de juízes. Nossos resultados mostram que os juízes aqui investigados se identificam com a variante palatalizada, bem como preferem também essa variante. Testes com juízes de outras faixas etárias são necessários para apurarmos nossos resultados.

PALAVRAS-CHAVE: Depalatalização, Macaúbas, Palatalização, Percepção dialetal.

PERCEPTION OF MACAÚBAS SPEECH: THE ROLE OF (NON-)PALATALIZATION

ABSTRACT: The linguistic community of Macaúbas is characterized by the palatalization of alveolar stops before [i]. In this study, we aim to investigate how a group of young university judges perceive their linguistic community by examining their recognition of stops with and without palatalization. To do so, we recorded words with and without palatalization, spoken by a woman from Macaúbas. We conducted perception tasks to evaluate which variant, with or without palatalization, was preferred by the group of judges. Our results show that the judges investigated here identify with the palatalized variant and also prefer this variant. Tests with judges from other age groups are necessary to refine our results.

KEYWORDS: Depalatalization, Dialectal Perception, Palatalization, Macaúbas.

INTRODUÇÃO

¹ Apoiado Financeiramente Pelo CNPq.

² Estudante de Graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Vitória da Conquista/BA

³ Professora do DELL- Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade do Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Vitória da Conquista/BA

O Brasil é um país, como qualquer outro, que possui uma diversidade linguística considerável. Dentre as diferenças dialetais que podemos registrar no território brasileiro, temos a (des)palatalização das oclusivas alveolares próximas da vogal [i] (Hora, 1997). Nesse cenário, a Bahia é um estado nordestino que se notabiliza pela palatalização dessa consoante. Contudo, a cidade baiana de Macaúbas tem um falar que chama atenção pois a consoante sem palatalização é frequentemente encontrada no falar dos macaúbenses.

Reis e Pacheco (2023) identificaram que os processos de palatalização e não palatalização das oclusivas alveolares antes de [i] coocorrem no falar de Macaúbas. De acordo com as autoras, a ocorrência da variante não palatalizada ocorre com frequência no falar dessa comunidade linguística.

Diante desse cenário de ocorrência dessas duas variantes na comunidade linguística de Macaúbas, neste trabalho objetivamos investigar qual o papel da (des)palatalização das oclusivas no processo de auto percepção do macaúbense. Nossa pergunta é: qual variante palatalizada ou despalatalizada favorece o reconhecimento do macaúbense como característica de seu falar? Nossa hipótese é a de que a forma não palatalizada é aquela que faz o macaúbense reconhecer como típica do seu falar.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para a execução desta pesquisa realizamos as seguintes etapas metodológicas

I) Seleção de Palavras e montagem da frase para gravação

Foram escolhidas as palavras para gravação e montada a frase: O **dia** está ensolarado e meu tio veio nos visitar. **Tio Tito** gosta de um **tipo** de conversa específica. Ontem, **tio Titinho** deu uma **dica** sobre como **dividir** o tempo de forma mais eficiente e **divertida**, já que o tempo é como uma pedra preciosa, um **diamante** por exemplo; **Tio tito** gosta de **sentir** o vento leve em seu rosto. Ele **acredita** que isso faz bem à saúde, já que ouviu a um **médico** dizer que caminhar e **sentir** a brisa do vento é algo bom. Então, a **partir** disso, **Tio Tito** tomou a **difícil iniciativa** e **decidiu** caminhar todos os **dias**, hoje ele ama fazer isso.

II) Gravações em Cabine Acústica

Buscando manter a qualidade da gravação, a sentença foi gravada em cabine acústica por uma mulher macaúbense de 22 anos. A participante foi instruída a falar naturalmente, mas de forma clara e em um ritmo constante, para assegurar que as

gravações refletissem fielmente o falar macaubense. Ela foi orientada a realiza as oclusivas com palatalização e sem palatalização.

III) Aplicação da Tarefa de Percepção

Após as gravações, geramos os áudios estímulos para realiza atarefa de percepção que foi aplicada a 5 juízes naturais de macaúbas com idade entre 20 e 25 anos. Áudios da sentença-alvo com palatalização e sem palatalização foram apresentados aos juízes que deveriam responder: 1) Qual das duas produções da palavra reproduzida você considera típica da sua cidade? () áudio 1, () áudio 2, () não há diferença entre elas; 2) Qual das duas formas que o texto foi produzido lhe soa melhor? () áudio 1, () áudio 2, () nenhuma das duas formas. As repostas dadas pelos juízes foram anotadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio da tarefa de percepção 1, buscamos investigar com qual das variantes palatalizada ou não palatalizada o sujeito natural de Macaúbas reconhece com típica de sua comunidade linguística. Dos 5 juízes que participaram da pesquisa, 3 reconheceram a variante palatalizada como típica da sua região e somente 1 reconheceu a variante não palatalizada como típica da sua região. Um dos juízes não identificou diferença entre a forma palatalizada e não palatalizada.

Nossos resultados mostram que, apesar de a variante não palatalizada ser recorrente no falar de Macaúbas, esses juízes, que são jovens, reconhecem a variante palatalizada como a variante de sua comunidade linguística.

A segunda pergunta da tarefa de percepção nos permitiu investigar qual das duas variantes palatalizada e não palatalizada é preferida pelos juízes. 3 juízes escolheram a variante palatalizada como a preferida e 2 escolheram a não palatalizada.

Os resultados dessa segunda tarefa corroboram os resultados obtidos na primeira tarefa. A variante palatalizada é a preferida pelos juízes desta pesquisa, apesar de sua comunidade linguística ter alta ocorrência de oclusiva não palatalizada como mostram os dados de Reis e Pacheco (2023).

Considerando a faixa etária dos juízes participantes da pesquisa e considerando que são jovens universitários que vivem atualmente em uma comunidade linguística que palatalizada, Vitória da Conquista, nossos resultados evidenciam que há uma certa preferência desse segmento populacional macaubense

pela forma palatalizada, que é também aquela mais recorrente nas redes sociais, na televisão, e nos cinemas.

CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES

Apesar de a não palatalização da oclusiva ser uma marca dialetal na comunidade linguística de Macaúbas, como mostram Reis e Pacheco (2023), a auto percepção do falar macaúbense por um grupo de jovens universitários é de um falar com palatalização, além de ser uma forma preferida por eles.

Com base na questão central deste estudo, podemos concluir que o grupo de juízes dessa pesquisa se identificam majoritariamente com a variante palatalizada, o que refuta a hipótese aventada nesse estudo, segundo a qual a variante não palatalizada seria a preferida pelos macaúbenses.

Contudo, um olhar para uma outra faixa etária de macaúbenses precisa ser lançado e resultados divergentes a esses podem ser encontrados. Nesse sentido, essa pesquisa requer que as tarefas de percepção sejam aplicadas a juízes macaúbenses mais velhos e, de preferência, que nunca tenham saído da região. É possível que a percepção da (não)palatalização da oclusiva esteja associada à faixa etária e aos histórico de vida

Dessa forma, seremos capazes de investigar mais a fundo, a percepção dos macaúbenses na perceptiva da sociofonética, que segundo Silveira e Oushiro (2022, s.p), busca investigar “a habilidade de o ouvinte inferir — acertadamente ou não — características sociais (étnicas, de classe social, de sexualidade etc.) de uma pessoa, apenas com base em como essa pessoa fala, e quais traços fonéticos conduzem a essas inferências; atitudes estereotípicas em relação a traços fonéticos associados a grupos específicos de falantes (...) “ Assim, seremos capazes de conhecer um pouco mais essa comunidade de fala baiana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HORA, Dermerval da. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ e as restrições sociais**. Graphos, João Pessoa, v.2, n.1, 1997. p. 135-14.

SILVEIRA, Gustavo ; OUSHIRO, Livia. **Sociofonética**. In: *Speech Sciences Entries*.

Speech Prosody Studies Group, s.p , 2022, Disponível em:

<https://gepf.falar.org/entries/45>

REIS, Sidélia Rêgo; PACHECO, Vera. **Análise acústica da (não)palatalização de falantes nativos de Macaúbas**. 27º Seminário Interno de Iniciação Científica, 2023.